

EDITORIAL

Mais dois corajosos se apresentam para o debate aberto em Transinformação: César Augusto Castro e Maria Solange Pereira Ribeiro no texto "Sociedade da informação: dilema para o bibliotecário".

O dilema foi analisado por dois intelectuais de matizes teóricas diferenciadas: José Teixeira Coelho Neto (USP) e Silvio Sánchez Gamboa (PUCCAMP), proporcionando-nos um instigante debate.

CASTRO & RIBEIRO põe-nos diante do seguinte dilema: o bibliotecário deve embarcar na auto-estrada da informação ou deve ficar no acostamento da super-via fazendo ação cultural entre os excluídos?

Para TEIXEIRA o bibliotecário que conhecemos formado na tradição universitária dos últimos anos, esse não vai para lugar nenhum; está fora da história. Fora de época e lugar. Nem pega o trem, nem fica na beira da estrada que é lugar de alto risco, o que exige também uma especialidade. Lugares, se houver, serão para os especialistas em informação, especialidade impossível de se adquirir num curso de graduação em Biblioteconomia.

Já GAMBOA não discute a qualidade do profissional, mas a qualidade das informações: as informações estratégicas ligadas ao desenvolvimento das forças produtivas são guardadas a sete chaves, enquanto que as informações patéticas e mágicas são democraticamente divulgadas. É que a palavra carrega um discurso, "... as informações estão carregadas de estilo de vida".

Pontuando o bom e o mau profissional e a boa e a má informação há em cada debatedor, uma concepção diferenciada de sociedade que o leitor terá o prazer de acompanhar.

Os demais artigos compõe as preocupações dos bibliotecários (agora especialistas) as quais giram em torno dos veículos de comunicação e das linguagens de representação. Preocupações que aparecem pontuadas com um marco histórico da pesquisa em ICT no Brasil, bem como uma projeção do novo, do moderno (profissional). Percebo então que há um olhar histórico, há olhares presentes nos instrumentos de trabalho e há um levantar a cabeça para olhar o novo, o moderno. Será que olhamos mal? TEIXEIRA observa: “não adianta olhar para lugar algum porque por toda parte se espalham os concorrentes da biblioteca, as vendedoras de acesso às redes e os vendedores de CD-ROM”.

Se a questão é essa, então há um elo de ligação entre TEIXEIRA e GAMBOA que parecia perdido. Há *links* aí. Há endereços interessantes para gravar no *bookmark* do leitor. No meu *bookmark* pessoal haverá uma necessária edição: gravarei como Revolução Informacional; mencionarei este excelente Lojkin citado por GAMBOA, mas sustentarei, ao lado do acento gambodiano no controle rigoroso e competitivo das informações estratégicas, que este controle está cada vez mais difícil de ser exercido. Se é verdade que uma revolução tecnológica de conjunto não se reduz à revolução do instrumento de trabalho, ainda que esta seja essencial, também é verdade que o instrumento de trabalho revolucionado mexe nas relações sociais de forma revolucionária.

E mexe também no jeito de aprendermos as coisas. Uma nova cognição está em curso; um novo programa de leitura se delineia. Aquilo que Lyotard já percebia na década de 70: a morte das narrativas ou de uma memória de longo prazo confirmada hoje pela tecla *Help* dos softwares que embute os manuais de instrução no próprio programa de computador, de tal forma que não é mais preciso memorizar versões anteriores. Aprende-se o novo sem recurso ao velho; o que TEIXEIRA talvez esteja querendo dizer quando afirma que “a informação não é mais insubstituível”.

Por isso mesmo, não vejo lógica mecanicista e nem finalista nas tecnologias como defende GAMBOA. Até por estarmos falando de tecnologias da inteligência.

Estamos sim vivendo os primórdios de uma revolução social por conta daquilo que Marx entendia ser o desenvolvimento **contraditório** das forças produtivas. Aqui o leitor se reconciliará com TEIXEIRA, por certo. E agradecerá a CASTRO & RIBEIRO pela excelente oportunidade de reflexão com que nos brindou.

Solange Puntel Mostafa
Editora-responsável
e-mail: solange@aleph.com.br